

# Singularidades e Coletividades

Mariana Baruco Machado Andraus<sup>1</sup>

O volume 5, número 2 da *Conceição/Conception* apresenta a temática Singularidades e Coletividades na pesquisa e na criação em artes da cena, bem como suas transposições, perscrutando manifestações que, de singulares, ampliam-se para um coletivo, bem como aquilo que a partir de um coletivo é singularizado.

O artigo de Carla Vendramin, Lucas Reis Velho e Wagner Ferraz, intitulado **“Diversos Corpos Dançantes: uma proposta de improvisação e dança na comunidade”**, abre a temática abordando a singularidade dos corpos e a coletividade do processo na criação de um espetáculo do projeto Diversos Corpos Dançantes, vinculado ao projeto de pesquisa “A Dança com Pessoas com Deficiência e Grupos de Habilidades Mistas”, desenvolvido no Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenado pela Professora Carla Vendramin.

Em **“Musings on Collectivity”**, Holly Cavrell reflete sobre o que define o coletivo, discutindo a coletividade na dança e políticas de controle. Discorre sobre como essas relações se dão em Nova Iorque, onde viveu, e fala também sobre sua experiência com coletivos de dança e sobre como as relações hierárquicas se modificaram nos últimos vinte anos.

No artigo **“Arte na rua e desdobramentos”**, os autores Débora Souto Allemand e Eduardo Rocha discutem as relações de troca e reconstituição entre os cidadãos a partir do contexto dado pelo espaço urbano, entendendo as cidades como importantes espaços de subjetivação. Com base na concepção pós-moderna de democratização da arte, que leva à escolha por espaços alternativos ao teatro como forma de ir para a rua e, com isso, fazer política, tem-se coletivos de artistas atuando com *happenings* e *performances* no espaço urbano, o que gera mudanças para aqueles que caminham na rua – os pedestres, entendidos como espectadores emancipados –, provocando novas maneiras de estar na cidade.

Marisa Martins Lambert contribui para a temática com o artigo **“Irmgard Bartenieff: uma herança de conectividade”**, no qual enfoca o percurso singular de Bartenieff para chegar à formulação da visão de corpo e movimento postulada pela

1. Docente do Departamento de Artes Corporais do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena. Contato: m\_andraus@iar.unicamp.br  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4460-8555>

artista e educadora somática, visão esta que se modula a partir de referências do coletivo, expressas na ideia de conectividade.

O artigo **“Performance social versus arte: hibridações poéticas”**, de Elder Sereni Ildefonso e Gabriela Fregoneis, discute tanto os conceitos de hibridismo nas artes e de liminaridade na relação destas com o espaço urbano (para isso, analisam a performance *Mugre*, de Rosemberg Sandoval, e o *Proyecto Filoctetes*, do grupo El Periférico de Objectos), como as relações entre singular e coletivo que se estabelecem nessas interações. Partindo de Oliveira, que diz que “a multidão é a forma permanente da existência social e política do coletivo” (OLIVEIRA, 2007), o texto lança a proposição de que o sujeito “assume um *corpus* coletivo mediado pela percepção em meio aos diálogos propostos pelos que ali se encontram”.

Em Temas Livres, Andrea Copeliovitch discorre, no artigo **“O trabalho do ator sobre si mesmo”**, a respeito da visão de Stanislavski sobre o trabalho do ator, relacionando o acontecimento da vida no palco com a temporalidade da ação, desde a ação cotidiana até aquela que se apresenta à cena, constituindo o repertório de vivências do ator pautado na memória, na ação, na linguagem e no silêncio.

Paulo Baeta, no artigo **“Introdução à metodologia didática em dança de Rolf Gelewski”**, elabora suas memórias como ex-aluno do fundador do primeiro curso superior de dança do país, na Universidade Federal da Bahia, explicando pressupostos do método de Rolf Gelewski e descrevendo exemplos de exercícios, alguns dos quais constantes de apostilas de curso e/ou livros com edições já esgotadas.

O artigo **“Caminhos no método BPI: a incorporação da personagem Sete Ondas a partir da pesquisa de campo com baianas de escolas de samba e com o congado”**, de Maria Julia Alves Maranzato e Larissa Sato Turtelli, relata a experiência vivida pela primeira autora junto ao coletivo de baianas de escolas de samba da cidade de Jundiá e na festa do Congado na comunidade dos Arturos, em Contagem-MG, tendo em vista a experiência de incorporação da personagem Sete Ondas a partir das experiências de campo.

Encerrando a seção Temas Livres, Lucas de Carvalho Larcher Pinto, no artigo **A poética da morte: formas animadas., imaginação, projeção(ões) e infâncias em cena**, versa sobre possíveis aproximações entre o Teatro de Formas Animadas e o Teatro Infante-Juvenil na experiência de criação e apresentações do espetáculo *O Mensageiro do Rei*, em Uberlândia-MG, no ano de 2014. Expõe exemplos, reflete e discute acerca de questões que se revelaram em decorrência da presença da animação na peça, propondo possibilidades para que sejam redimensionadas para outros espetáculos e/ou contextos.